

conferência

De que modo o real comanda a verdade¹

Colette Soler

Parte 1

Hoje eu gostaria de continuar a trabalhar o tema do inconsciente real, do qual eu comecei a falar em São Paulo e sobre o que me questiono já há três anos, a partir de um seminário de Escola que fizemos em Paris com meus colegas, que se apoiava no texto de 1976: *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*.² Evidentemente que quando se ouve “inconsciente real”, a primeira questão, depois do trabalho de definição, é sobre seu uso analítico: quais são as consequências, ao nível da interpretação, do manejo do tratamento e do final de análise?

Continuo então com o princípio de leitura que adotei e que consiste em tentar encontrar o motivo dos diversos remanejamentos que Lacan introduz, porque não podemos nos contentar com a cronologia. A expressão “o inconsciente real” aparece como expressão no seminário *Mais ainda*³ e no texto que eu evocava há pouco – *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*. Essa expressão é solidária à ênfase que Lacan dá à *alíngua* e é correlativa, em terceiro lugar, da desvalorização da verdade. Então me perguntei por qual itinerário Lacan chegou a ela e estou tentando reconstruir seu trajeto.

Durante anos, como sabemos, Lacan se ocupou das estruturas de linguagem, da sua lógica, de sua topologia, e ele passa então à atualização dos efeitos de *alíngua*, o que implica uma afirmação incrível de sua parte, que diz que tudo aquilo que se decifra em uma análise é somente uma elucubração de saber. Elucubração é um termo pejorativo que coloca um ponto de interrogação sobre a decifração analítica e sobre o inconsciente estruturado como uma linguagem. O que o leva a isso? Acho que não podemos nos contentar com uma tese mais ou menos em voga e que diz que nos últimos 10, 15 anos, Lacan se ocupou de arranjar e rearranjar as relações entre o significante e o gozo. Não é que seja falso, é verdade. Mas a questão que se coloca, me parece, é a seguinte: por que ele não se limitou à sua primeira construção realmente consistente, que dizia respeito a essa relação com o gozo?

A primeira construção consistente, a meu ver, que ele fez sobre este ponto, foi a construção do “objeto *a*” que já permitia repensar a experiência em termos de economia de gozo, pois, para dizer de

¹ Conferência pronunciada no Rio de Janeiro, na X Jornadas de Formações Clínicas do Campo Lacaniano, em 2008.

² Lacan, *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11* (1976/2003).

³ Lacan, *O Seminário, livro 20: Mais ainda* (1972-73/1985).

⁴ Lacan, *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola* (1967/2003).

forma condensada, o objeto *a* é o primeiro efeito do significante sobre o gozo, efeito ao mesmo tempo de negativização do gozo e de resto de gozo. E é com essa construção que Lacan construiu a sua *Proposição de 67*⁴ sobre o passe, voltado para o fim da análise, e com isso ele definiu a destituição do sujeito.

Eu noto, creio poder notar, que tudo o que nós dizemos em nosso Campo Lacaniano, tudo o que dizemos sobre a análise e sobre o seu passe final é formulado nestes termos, passe ao objeto destituente. Não utilizamos absolutamente até aqui a noção de inconsciente real para situar o fim da análise, e me pergunto se isso é possível e até onde isso muda. Então nós nos contentamos com as elaborações de 67, e o que me espanta é que Lacan não se contenta com isso, e se contenta tão pouco, que vai procurar outra coisa. No entanto, era uma construção bem coerente. Vou me deter nela um instante.

⁵ Lacan, *Radiofonia* (1970/2003).

Em *Radiofonia*⁵ Lacan diz que a verdade se situa por supor o que faz função de real no saber, o saber que nela se acrescenta ao real. Vocês veem que nesta frase há um desdobramento da noção de real: um real fora do saber é aquele que Lacan vai escrever no nó borromeano, mais tarde, e depois algo que faz função de real, não completamente o real, mas isso faz função de real no saber. O que me espanta, e talvez devesse espantar vocês também, é que ele nem sonha em dizer que este saber é real, uma vez que ele procura o que faz função de real no saber. Ele não situa aí o inconsciente real. O saber de que ele está falando aí é evidentemente o saber do inconsciente que, longe de ser real é, antes de tudo, suposto.

Talvez todos conheçam a escrita da fórmula da transferência, não? Então, escrevam mentalmente comigo. Escrevam um S maiúsculo, que Lacan nomeia o significante da transferência, ou seja, aquilo que o sujeito apresenta ao analista; em seguida tracem uma barra sob o significante S, e embaixo da barra, portanto no lugar do significado, vocês escrevem um s minúsculo, que se lerá sujeito, em seguida vocês abrem um parêntese onde vão escrever S1, S2, ... Sn. Sob a barra, portanto, está o sujeito suposto ao que está entre o parêntese, ou seja, os significantes supostos, eles também supostos, presentes no inconsciente. A transferência supõe que há significantes inconscientes, escritos sob a barra, que podem se tornar significantes do sujeito por decifração e, então, dar sentido ao que o sujeito apresentava como o enigma de seus sofrimentos. Lacan, portanto, escreve a transferência com o esquema linguístico significante-significado, embaixo, sujeito suposto saber.

Evidentemente, temos tendência a pensar que a decifração permite confirmar aquilo que estava apenas suposto no início. E podemos nos perguntar então por que Lacan não diz que esse saber é real, já que ele é verificado na análise? Não, de todo modo, ele não o situa como real e procura o que vale como real nesse saber. A

primeira resposta que ele constrói, a de 1967, é dizer que o que faz função de real no saber é a fantasia com o seu objeto, que dá seu objeto latente – eu vou escrever:

$$\frac{\text{S}}{s (S1, S2, \dots S_n)} \longrightarrow S_q$$

Na parte superior, o sujeito e em seguida, na parte inferior, nos parênteses, os significantes que supomos presentes no inconsciente. Simples suposição!

Então, o que faz função do real nesse saber, segundo Lacan? No primeiro tempo é a fantasia e o objeto o qual Lacan diz que era latente no saber; este objeto dá sentido a todos os dizeres, a todos os atos do sujeito. Esse objeto responde, ao mesmo tempo, a questão do desejo: *Che vuoi?*, e à questão da identidade: o que eu sou? Então, evidentemente, pode-se dizer que o objeto é a chave real nessa época. Em todo caso, Lacan tenta estabelecer isso, esse objeto sobre o qual deve-se precisar que Lacan o define fundamentalmente como o objeto que falta, ele volta a dizer em 1976, o objeto que não se tem mais, ele diria alhures. Em outros termos, o objeto que foi extraído, recortado do vivente pela linguagem; e com ele estamos então no nível do gozo, o gozo ferido, mas ao mesmo tempo é esse objeto que falta que permite engendrar os mais-gozar.

No seminário *O avesso da psicanálise* Lacan⁶ emprega este termo “engendrar”; quer dizer, que é um objeto que permite articular a falta do desejo com o gozo. E Lacan tenta estabelecer que a relação fantasmática com esse objeto tem uma função de real no saber. E ele recorre, para isso, à lógica, na lógica da fantasia, em que ele faz da fantasia o equivalente a um axioma em lógica, considerando que a constância, o caráter implícito, indedutível, faz da fantasia o núcleo real que tem função de real no saber, daí a ideia de que uma análise permite perceber o axioma num relâmpago, dizia ele.

Por que não se satisfazer com essa construção que tem uma pertinência clínica? Existem várias razões, uma delas é que apesar dessa enorme e belíssima construção sobre a fantasia-axioma é, mesmo assim, impossível separar a fantasia do imaginário, quer seja tomada como uma frase, ou como um *script* (roteiro), a fantasia adere ao imaginário. E como vocês sabem, Lacan terminará constatando formalmente quando diz em *Mais ainda*⁷ que o objeto ‘a’ é imaginário, um semblante de preferência.

Eu comecei a pensar que o veredicto da insuficiência deste esquema já está na *Proposição de 67*. Porque ali há uma frase que indica como esse esquema fracassa em relação ao Real. A frase é: o fim da análise, “saber vão de um ser que se furta”⁸ ou dito de outra

⁶ Lacan, *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-70/1992).

⁷ *O Seminário, livro 20, op. cit.*

⁸ *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola, op. cit., p. 260.*

⁹ Lacan, *A ciência e a verdade* (1966/1998).

forma: “não há saber do objeto a”, o que já dissera em *A ciência e verdade*.⁹

Imagina-se o objeto a corporalmente, a partir dos significantes da pulsão, mas isso não faz dele um real. O que ele tem de mais real, Lacan tenta situar mais uma vez a partir da lógica. No seminário R.S.I. ele diz: “constatamos o desejo, isso é um fenômeno, como se constata na clínica e induzimos o objeto, que não aparece em lugar nenhum, exceto como a falta do desejo, ou como esses pequenos ‘mais’ atrás dos quais se corre”.¹⁰ Conclusão: portanto, a fantasia e o objeto, qualquer que seja o papel que têm, não fazem função de Real.

¹⁰ Lacan, *O Seminário, livro 22: RSI* (1974-75).

Então, como passo seguinte, segunda elaboração de Lacan para encontrar o que faz função de real no saber, ele recorre ainda à Lógica – ele levou anos prospectando a lógica –, isso o levou a concluir, vocês sabem, que o que faz função de real no saber é o impossível, ou seja, que a partir do modelo dos impasses da formalização, ele transpõe isso na análise, buscando o real do lado do que seria o impossível. Aí ele não recorre mais à indução a partir do desejo, ele procura outra coisa, outra referência lógica. O problema é: como, numa prática de falas, encontrar algo do impossível? É então que Lacan recorre ao escrito: faz função de real, em nossa prática de decifração, o que não pode se escrever – vocês conhecem a fórmula.

Mas, como se escreve numa análise? Sem caneta. Há páginas e páginas de seminários nas quais Lacan está tentando se virar com essa questão. E no fundo, qual é seu postulado, pois há uma junção da fala com o real, não somente com a verdade. A junção da fala com a verdade é bem conhecida, mas há uma junção que passa pelo escrito, e o que ele afirma é que na fala sob transferência, o dizer tem efeitos de escritos. O escrito não sendo o significante – ele insiste muito nisso – é relativo ao discurso, aqui o da análise. Vocês vão encontrar esta frase em algum lugar: pela tagarelice alguma coisa de real se atinge.

Dito de outra forma, eu ontem falei da corrida em busca da verdade, da corrida que nunca chega ao seu fim. Mas a ideia é que a corrida na direção da miragem inacessível da verdade deixa vestígios de escrito da impotência da verdade. E, portanto, Lacan tenta captar o que se escreve pela impotência da verdade. Ele então o reformula com os termos da lógica modal, com os quatro termos: o necessário, o impossível, o possível e o contingente.

Evidentemente ele os distorce em relação à lógica modal clássica. Ele formula duas modalidades do que “não cessa”: o *necessário*, que não cessa de se escrever e o *impossível*, que não cessa de não se escrever; e em seguida há as duas categorias do que “cessa”: o *contingente*, que cessa de não se escrever – portanto, que se escreve – e o possível, o que cessa de se escrever. Vejam que a sua tradução

inclui o tempo nas modalidades, não falamos disso em São Paulo, mas teria sido possível. A que isso corresponde se fizermos uma correspondência dessas modalidades: o necessário que não cessa de se escrever, o sintoma; o possível, que cessa de se escrever, os efeitos terapêuticos. Os dois que nos interessam aqui realmente são o impossível e o contingente.

Antes, eu gostaria de evocar um debate histórico que está por trás dos textos de Lacan. No que concerne às modalidades em lógica, desde a Antiguidade se questionou muito para saber se isso se aplicava aos enunciados ou aos referentes do enunciado. Na Idade Média, esse debate com São Tomás de Aquino e Abelardo levou a distinguir o que eles chamavam as modalidades *de re*, das coisas, e as modalidades *de dicto*, dos ditos, e se vê imediatamente como a psicanálise não entra nessa dicotomia. Poder-se-ia dizer – uma vez que se trata do que se escreve a partir do dizer – que são modalidades de *dicto*. Só que na psicanálise, o de *dicto* é operatório, podendo-se dizer que a psicanálise eleva as modalidades de *dicto* à modalidade *de re*.

A tese de Lacan é que o impossível, que faz função de real no saber, se prova na psicanálise pela contingência, isso quer dizer que o que se escreve pelo viés da fala sob transferência demonstra indiretamente o que não se escreve. E o que se escreve é unicamente o que diz respeito ao Um fálico, o Um dizer que fala sozinho. E Lacan pode afirmar: “o dizer da análise coloca em seu lugar a função proposicional”, e a função proposicional é $\varphi(x)$ no texto ou, se preferirem, a função de $\Phi(x)$. Então, o que se escreve: contingência, o que cessa de não se escrever: o Um do gozo, o Um do gozo a começar pelos uns do trauma, o um do objeto e o Um da solidão. Clinicamente, isso é muito sensível na análise. E durante todo um ano Lacan dirá: “há Um”, há Um e nada mais, ele acrescentará mais tarde: dito de outra forma, o Um que insiste em se escrever pela fala, demonstra, diz Lacan, a impossibilidade de escrever o dois, o dois do sexo. Eis o que Lacan chama o real próprio à decifração do inconsciente. É a forclusão da relação sexual que faz função de real no saber que cifra o gozo. Não mais que função de real, não se está sempre no inconsciente real. Chego lá.

Marco essas etapas para lhes mostrar a diferença do que vem depois. Evidentemente, com este impossível da relação, compreende-se que a função da fantasia seja pensada de uma outra forma. A fantasia, com seu objeto, tem o papel de uma suplência imaginária a esse real do impossível.

Como fazer com o tempo que eu tenho? Eu tenho mais cinco minutos, alguns minutos...

Creio que Lacan vai introduzir, depois de todas essas tentativas, o termo o inconsciente real. De onde ele o tira? Creio que se

pode remontar a algumas fórmulas anteriores que podem nos parecer como precursoras no *só depois*. Em 1969, na resenha sobre o ato, ele diz: o inconsciente, saber sem sujeito. Isso quer dizer que está construído em oposição à fórmula do sujeito suposto ao saber. Saber sem sujeito não diz de um saber real, mas muda o lugar do sujeito. O sujeito representado, como sabemos, por um significante S1 junto a outros, S2, que fazem cadeia com o S1, pelo menos se espera que ele faça cadeia com o S1. Lacan pensou inicialmente que eles faziam cadeia com S1, e era uma ideia que estava em acordo com o que se passa na associação livre, uma vez que os significantes decifrados remanejam o discurso do sujeito e modificam, às vezes, seu sintoma. Efeito terapêutico. Então, “saber sem sujeito” inscreve um impossível. Temos o outro sujeito representado por um S1 junto ao saber que deciframos, mas não há relação de um ao outro.

E quando Lacan escreve o discurso do amo, escreve na primeira linha um impossível, e isso quer dizer, a despeito de Freud, que lá onde estava o saber inconsciente, eu não poderia advir, eu não advenho. E de uma só vez, a estrutura de representação do S1, junto ao saber, é uma estrutura recorrente, sequencial: quando eu decifro, faço passar um significante do lado do S2 em direção ao S1, Lacan o observara em um de seus seminários, mas a estrutura de impossível se transfere dos novos S1 ao S2 sem sujeito. Infinitude da representação do sujeito junto ao saber: é a lei da associação livre. Estou usando infinitude para evocar a da análise, evidentemente. Entretanto, esse saber disjunto, esse saber não-sujeito, precisamos nos questionar sobre qual estatuto ele tem. De onde ele vem? E creio que foi a partir desse saber sem sujeito que Lacan chegou a dizer “saber real”, inconsciente real.

Ainda um ponto: um saber sem sujeito, como posso dizer, é o meu inconsciente? Posso dizer que é o meu inconsciente no instante mesmo em que não sou sujeito desse inconsciente, porque esse saber está alojado em outro lugar. Ele está alojado na substância gozante do meu corpo. Essa é a tese de Lacan. Os significantes do saber inconsciente que extraímos do sintoma não têm uma morada só na linguagem, mas também no que Lacan chama substância gozante. Ele já dizia isso antes do seminário *Mais ainda*, no começo do seminário *O avesso da psicanálise*, particularmente. A tese existe de fato há muito tempo. Quando fala do saber “aparelho do gozo”, explicita: ele tem seu ponto de inserção no vivente – diz uma das primeiras aulas do seminário *O avesso da psicanálise*. Vê-se aí a conexão com o objeto, o objeto que era situado como um efeito de linguagem. O saber sem sujeito é causal, como causação direta sobre o vivente. Daí a pergunta: de onde vêm esses significantes que não pertencem à linguagem do sujeito? Creio que é o que se justifica, o que exige

mesmo no ensino de Lacan a referência a *alíngua*. Um significante que não está em *minha* linguagem, pode, mesmo assim, estar em *alíngua*... Continuo amanhã.

Parte 2

De onde vêm os significantes do inconsciente sem sujeito? Eles não podem vir da linguagem mesma, e creio que isso levou Lacan a formular que eles estão em *alíngua* que não é linguagem. Portanto, o inconsciente real são significantes vindos de *alíngua*, que estão no real no duplo sentido do termo: eles estão fora da cadeia e estão no campo do gozo real. Eles podem ser localizados no nó borromeano na intersecção do Simbólico e do Real do nó colocado no plano. A partir daí, o inconsciente, que chamamos saber, se divide. Há a parte decifrada, que é uma parte sempre limitada, que Lacan qualifica de elucubração para dizer que aquilo que se decifra é sempre hipotético, levando Lacan a dizer: “A linguagem, isso não existe”. Em compensação, *alíngua existe*. Ela é, no fundo, o lugar de um saber que ultrapassa o sujeito. Lacan diz: “*alíngua* articula coisas que vão muito mais longe do que aquilo que o ser falante sustenta como saber enunciado”.

Existem, portanto, dois saberes: o saber decifrado, que pode se constituir como linguagem; e o saber falado de *alíngua*, que não é linguagem. Na análise, decifram-se significantes do material analisante, significantes sem que ele os saiba, que não o representam, mas que regulam seu gozo no sintoma. Esse significante vindo do S2, que podemos chamar de signo ou letra, tanto faz, é um significante que é causa e também objeto de gozo. Lacan o escreve S1, é um significante mestre do gozo do lado do saber inconsciente. Constata-se aí uma mudança do uso do termo significante-mestre. O que Lacan chama o “Um encarnado” se distingue dos S1 – traços unários tomados de empréstimo ao Outro, que vão desde ideais do Outro até o semblante fálico. Mas esse S1 encarnado se distingue também dos outros significantes de *alíngua*. No esquema que Lacan escreveu em *Mais ainda*¹¹ é preciso conceber que o S2 de *alíngua* é ele próprio composto de S1 e que a questão é a questão do Um encarnado.

S1(S1(S1(S1→//S2)))

Acrescentei duas barras verticais para marcar o impossível de que falei ontem. O sujeito não virá ali onde está o S2. Lá onde está o S2, o sujeito não advém. Mas, no nível deste S2, instaura-se uma

¹¹ O Seminário, livro 20, *op. cit.*, p. 196, aula de 26 de junho de 1973.

outra divisão com esse resto sempre de não-decifrado, que é o que eu estou chamando de a própria divisão do inconsciente mesmo.

S1(S1(S1(S1→// S2)))

O saber: (S1,S1,S1) ICS decifrado // S2 *alíngua*

Mas não percamos de vista que o primeiro é decifrado, é colocado em linguagem, enquanto que o segundo é falado. Um saber falado, aí está uma novidade que a ciência que só conhece o saber escrito, ignora. A partir desse momento *alíngua* surge como a grande reserva de onde a decifração extrai fiapos, fragmentos, tiquinhos, mas o inconsciente *alíngua* continua real, permanece inapreensível. Hoje, em relação a esse ponto, não vou mais longe.

Lacan diz que escreve *alíngua* numa só palavra para evocar a lalação. Ele diz: Isso se canta lá lá lá, a respeito de Joyce. A lalação é a da criancinha, sua garrulice. A lalação é o som, sons ouvidos, Uns sonoros disjuntos do sentido, mas como sabemos, não disjuntos do estado de contentamento da criancinha, porque ela só balbucia quando está contente, satisfeita, o que indica a junção direta e original dos Uns ouvidos com o gozo.

E, no fundo, na *alíngua* não há sentido. *Alíngua* só dá a cifra do sentido, composta que é de Uns diferenciados? Ela não é, como diz Lacan, a integral dos equívocos. Diferentemente do Simbólico, *alíngua* não é um corpo, é uma multiplicidade que não tomou corpo. Não existe *menos-um* da língua que faça dela um conjunto. Dito de outra forma, *alíngua* não é uma estrutura, nem estrutura de linguagem, nem estrutura de discurso e não há ordem em *alíngua*.

Na linguagem a estrutura mínima se escreve com par ordenado. No discurso, a ordem depende do termo escrito no alto à esquerda. Mas, *alíngua* é de nível a-estrutural do aparelho verbal. Bem, deixo de lado as considerações sobre a diferença entre a *alíngua* e as línguas. Acentuo o fato de Lacan sublinhar que o Um encarnado de *alíngua* – isto é, Uns que tocam o gozo –, permanecem indecisos entre fonemas, nomes, frases, todo o discurso. Que sejam indecisos quer dizer que não podemos identificar esses Uns com exatidão. *Alíngua* tem, pois, efeitos, mas os Uns que os comandam permanecem em grande parte insabidos, hipotéticos. Conclusão: *alíngua* é um princípio de incerteza.

De onde vem a *alíngua* de cada sujeito? Ela é recebida a partir do falar dos primeiros outros, da mãe, mas atenção, não se trata de uma aprendizagem. Lacan usa o termo “impregnado”, a criança é impregnada, recebe uma marca. São termos que excluem o domínio e a apropriação ativa e, portanto, a identificação. Isso é tão verdadeiro, que Lacan fala da “água da linguagem”, a água da língua materna para conotar a fluidez, o contínuo sonoro, a cantiga do lá lá lá.

Como se constitui a *alíngua* da criança a partir daí, a partir do Outro? Ela não recebe primariamente seu discurso, nem mesmo a *alíngua* da mãe. Do que é ouvido, sons fora de sentido, detritos se depositam, ou seja, elementos dispersos, digamos os primeiros Uns reais fora de sentido, sob a forma de Uns sonoros.

É só num segundo tempo, segundo Lacan, que estes Uns se conectarão ao problema de seu gozo, especialmente de seu gozo fálico. O que Lacan está tentando pontuar, e que eu chamaria a coalescência entre o momento de impregnação e de recolhimento desse detrito, é o momento do encontro com o sexual. É, aliás, assim que podemos explicar que toquemos no sintoma tocando nas palavras. E lembremo-nos desta frase: porque *alíngua* foi falada e também ouvida por este ou por aquele na sua particularidade, algo se destaca em seguida em todos os tipos de tropeços, no lapso, notadamente. Aqui não se está lidando com a combinatória de significantes, mas com Uns erráticos, desemparelhados, que precedem as frases e que se conectam diretamente com o gozo corporal. Dito de outra forma, o inconsciente real, o inconsciente de *alíngua* é anterior à linguagem. Lacan insistiu muito em dizer “não existe pré-verbal”. É verdade, mas existe uma pré-linguagem. A melodia dos pais, se posso dizer assim, não é a mensagem do Outro. Ela precede a mensagem, como o inconsciente-*alíngua* precede o inconsciente-linguagem. À maneira de falar, Lacan vai acrescentar a maneira de ouvir. Isto é capital, quando se pergunta o que se transmite de pais para filhos. Há uma contingência do que é ouvido, que deveria limitar bastante a responsabilidade dos pais.

Vê-se que há com o inconsciente real um deslocamento da incidência do Outro, o que Lacan chamava o Outro. Isso não elimina a incidência do Outro sob a forma dos pais, mas Lacan faz passar o peso do discurso do Outro, do discurso organizado em linguagem, do lado do que vem antes da linguagem, *alíngua* do Outro, e vemos aí uma passagem do simbólico ao real. *Alíngua* não é do simbólico, é do real. Do real, porque Uns fora da cadeia e fora do sentido não são do simbólico. Ao trauma sexual de Freud, que ele não recusa, Lacan acrescenta o trauma de *alíngua* real.

Questionamos o laço da pré-linguagem, não pré-verbal, mas pré-linguagem da criança. Não é uma ligação de intersubjetividade. É um laço que Lacan, no fundo, qualificou como um banho de obscenidade, na medida em que *alíngua* carrega os traços do gozo do Outro, que a criança capta. Obscenidade que não tinha ficado muito evidente antes de Lacan dizer. E teria sido por isso, talvez, que ele tenha dito que não há relação sexual a não ser entre as gerações? Afirmação surpreendente se nos referimos à linguagem, mas, não tanto, se nos referimos ao banho linguístico-gozístico.

Pode-se dizer que afinal os sintomas em suas formas específicas

próprias a cada um são herdeiros do banho de obscenidade, que há algo aí que foi transmitido e, no entanto, neste nível, acho que posso dizer sem erro que o sintoma não tem genealogia. É apenas a herança de um discurso que constitui genealogia. Ter captado alguns fiapos da língua materna, ser marcado por ela em seu gozo, isso não constitui uma genealogia. Pode-se, então, reexaminar o que dizemos frequentemente sobre a transmissão dos sintomas através das gerações, para apagar o que se disse com fundamento, mas para acrescentar um elemento: não se faz genealogia, mas se evidencia que o *falasser* é um produto do inconsciente real como o saber falado de *alíngua*.

Vocês sabem que Lacan disse “esse termo *falasser* se substituirá ao inconsciente”. *Falasser* é uma palavra que não conota a realidade física, mas antes a realidade substancial. Então, isso quer dizer que há o inconsciente freudiano e em seguida o inconsciente lacaniano? Poderíamos dizer diferentes coisas sobre esse ponto, mas, em todo caso, lembro como Lacan o comenta. Ele não conclui absolutamente que há dois inconscientes, e o diz de uma forma muito bonita. Ele diz: “o inconsciente foi Freud que inventou, e isso se inventou de um só golpe”. Mas, depois da invenção, ele diz que a invenção pode tornar-se o inventário. O inventário que ele se atribui quer dizer que talvez haja partes que não tinham aparecido. Não seria excessivo dizer que o nó borromeano apresenta o enodamento da invenção freudiana completada pelo inventário lacaniano.

O inconsciente real, saber falado, muda evidentemente o *status* da fala. Lacan fez um percurso que vai da fala plena, ao saber falado, constituinte do *falasser*. Creio que a diferença aparece logo, quando Lacan diz: “falo com meu corpo”, é isso a fala que está em jogo no “mistério do corpo falante”, que será o tema do nosso próximo encontro internacional de 2010, em Roma. Falo com meu corpo quer dizer muitas coisas, entre outras, que os gozos do corpo falam, mas também que as falas do palavreado são gozosas e, com isso se poderia falar da “gozologia” de Lacan. Quando ele introduziu o campo lacaniano, colocou a questão de uma energética do gozo. E concluiu rápido: não há energética possível. É preciso acrescentar a esse nível do inconsciente real, que tampouco há lógica, pois não há estrutura e, como ele disse, em *Mais ainda*¹² esse “o negócio psicanalítico não será matemático”. Vocês estão se dando conta de quem está falando isso? Avaliem que foi esse homem que passou mais de dez anos recorrendo à lógica e à matemática quem disse isso! Lacan sabe que com o inconsciente real ele produz uma maciça objeção ao que ele tentou construir.

Além disso, a fala encarnada de gozo não é uma fala de troca. Tudo o que ele construiu, até mesmo uma estrutura de fala endereçada ao Outro, se encontra em questão. A partir do momento em

¹² *O Seminário, livro 20, op. cit.*, p. 159, aula de 8 de maio de 1973. Na versão em português: “O truque analítico não será matemático”.

que eu falo com meu corpo, não me dirigindo a ninguém, não é uma fala de troca, é uma fala autista.

Como tocar então neste saber gozar que se basta a si mesmo, que não pede nada a ninguém? Lacan deu algumas indicações. Ele diz, por exemplo, que tudo isso quer dizer que essas palavras não têm o mesmo peso para os sujeitos. Lacan já tinha formulado há muito tempo o “não há diálogo”, e não há diálogo por quê? Porque havia a fantasia que faz com que as palavras não tenham o mesmo sentido para todo mundo, e Lacan zomba do bom senso, o sentido construído pelo discurso para encarar justamente a singularidade. Dizer que as palavras não têm o mesmo peso não é apenas dizer que não têm o mesmo sentido, mas que não têm o mesmo alcance de gozo... A partir de então, numa análise procura-se fazer uma ideia do peso das palavras do sujeito e para o sujeito. É por isso que ele invoca uma interpretação poética, para tocar, fazer ressoarem, ecoarem as palavras que contam.

Então, o *status* do sintoma também vai mudar. O sintoma é a maior manifestação do inconsciente real, porque as outras formações do inconsciente não têm a mesma importância para o sujeito. Lacan formulou da seguinte maneira essa mudança de *status*: depois de ter dito que a verdade é causa do sintoma, ele reformula que o sintoma vem do real e, mais precisamente, que o sintoma é um “acontecimento de corpo”, que corresponde ao saber falado, ao saber falado fixado precocemente. Esse termo acontecimento tem todo seu peso, o acontecimento é o contrário do programa, é algo de incalculável e de contingente. Além do mais, o Um que constitui o sintoma, o Um de *alíngua* é incerto, o que faz do sintoma não uma formação de linguagem, mas uma *fixação* incalculável, não dedutível e difícil de identificar em sua letra. Acrescento que um sintoma desse tipo não faz laço social. Para que haja laço social, é preciso que o sintoma real, autista, entre simbólico e real, esteja enodado ao nó do simbólico com o imaginário. É por isso que, ao falar dos analistas que supostamente se aproximaram do que há de mais real, Lacan diz que eles eram “esparcos disparatados”.

Vou passar agora a considerações sobre a análise. Por que Lacan, a partir do inconsciente real e, explicitamente, em oposição a toda perspectiva estrutural, acabou concluindo que o signo do fim se situava no nível da satisfação, isto é, de um afeto? Isso não foi absolutamente uma fantasia que dele se teria apoderado, mas inteiramente deduzido do inconsciente real. Evidentemente, o fim por satisfação, para todos aqueles que leram Freud, faz pensar no fim pela interminável insatisfação. Qual é o decurso da análise relativamente ao inconsciente real e ao inconsciente verdade? Quando Lacan¹³ diz, em 1976, que é quando o lapso não tem mais valor de sentido, que se está no domínio do inconsciente real, que se passa ao

¹³ Prefácio à edição inglesa do Seminário 11, *op. cit.*, p. 567.

inconsciente real, pode-se dizer a mesma coisa do sintoma.

Na análise por decifração e interpretação, silenciosa ou não, há produção de sentido, de verdade às vezes surpreendente. E em seguida, experimenta-se também o sem sentido das manifestações do ICRS de lapso a sintoma. Com o tempo, com o uso, diz Lacan, para além da elaboração de sentido, percebe-se que se é paciente, não do analista, mas do inconsciente real. Paciente no sentido forte, isto é, que se sofre, que suporta esses fenômenos, entre o verbo e o gozo, cujo comando nos escapa. Então, como terminar, uma vez que o ICSR não termina com a produção de sentido? Experimenta-se por repetição a oscilação entre sentido e emergência de real. Como deter essa oscilação, essa balança entre verdade e real? Não será pelo saber, não se pode fazê-lo porque o mecanismo do saber falado é incerto. Não existe princípio de parada, nem do lado verdade – atrás da qual se pode correr sempre – nem do lado do inconsciente *alíngua*, mesmo quando o sintoma fica reduzido ao que ele tem de mais real. Creio que se tem aí o que fundamenta Lacan a, doravante, situar o fim não pelo inconsciente, nem pelo inconsciente real, nem pelo inconsciente verdade – sempre em alternância –, mas do lado do sujeito e da sua satisfação ou não satisfação. A satisfação não é o gozo. A satisfação é o que ocorre do lado do sujeito, em resposta ao que ocorre do lado do gozo.

Lacan introduz essa ideia no seminário *Mais ainda*, quando fala de uma outra satisfação, satisfação que depende da fala e que responde ao gozo fálico, ou seja, que conforme alguma coisa seja dita ou não, há efeitos de afetos. Haveria um vasto capítulo a ser desenvolvido aqui, que poderia se intitular: “A prova do inconsciente real pelo afeto”. Satisfação e insatisfação, o que chamei variável não epistêmica, é o afeto produzido sobre o sujeito pelos avatares da verdade e do real em uma análise. Essa valorização bastante nova – ainda que tenha precursores nos anos anteriores – da resposta de satisfação ou de insatisfação, é exigida, penso, pelo princípio da incerteza introduzido pela linguagem. Isso poderia nos levar a completar esse famoso horror de saber que é o horror da castração pelo horror da castração de saber. Começa-se a saber para não conseguirlo, diz ele.

Lacan fez esta adição da satisfação de fim de análise, e vai ser necessário desenvolver o que é a satisfação, possivelmente. Ela desloca a ideia de que a análise termina por uma conclusão, no sentido unicamente da conclusão epistêmica. Aonde chegamos pela leitura dos textos de Lacan e pelo discurso que neles se apoia? Esperar que o sujeito diga seu desejo de analista, ou o objeto que ele é, ou a letra de seu sintoma, isso variou no decorrer do tempo. Constatam-se efeitos de angústia, um efeito positivo e um efeito negativo. Um efeito positivo, nesse sentido em que isso tende a orientar as análises

ses, e o efeito negativo desse discurso de sugestão é que isso não leva em conta o real que não pode ser sabido. E não é o caso somente entre nós, ouço ecos disso. Não deploremos a falta de demanda de passe ou de nomeações, procuremos o que em nosso discurso não se ajustou corretamente.

Tradução: Silmia Sobreira e Silvana Pessoa

Revisão: Ana Laura Prates Pacheco

Referências bibliográficas

- FREUD, S. (1950[1895]). *Projeto para uma psicologia científica*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. I).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-60). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- LACAN, J. (1966). A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, pp.869-892.
- LACAN, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp.248-264.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- LACAN, J. (1970). Radiofonia. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp.400-447.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 22: RSI* (1974-75). Inédito.
- LACAN, J. (1976). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp.567-569.

Resumo

A conferência trata do conceito de inconsciente real, seu uso analítico e consequências para a interpretação, o manejo do tratamento e o final de análise. A autora tenta, na sua exposição, reconstruir o trajeto de Lacan na construção deste sintagma e encontrar o motivo dos diversos remanejamentos que ele introduz no conceito. Ela afirma que esta é uma expressão solidária à ênfase que Lacan dá a *alíngua* e que é correlativa da desvalorização da verdade. Argumenta e conclui que tudo o que ele construiu até o momento, até mesmo uma estrutura de fala endereçada ao Outro, se encontra em questão e que isso muda evidentemente o *status* da fala e do sintoma, o que justifica a importância da publicação desta conferência para a nossa comunidade analítica.

Palavras-Chave

Inconsciente real, verdade, fim de análise.

Abstract

This conference is about the concept of the real unconscious, its analytical use and its consequences regarding the interpretation, the management of the treatment and the conclusion of the analysis. The author tries, in her exposition, reconstruct Lacan's trajectory in the construction of this syntagma and to find the reason for the various rearrangements that he introduces in this concept. She affirms that this is an expression solidary to the emphasis that Lacan gives to language and that it is correlative to the devaluation of the truth. The author argues and concludes that everything he constructed so far, even a structure of the speech addressed to the Other, is questioned and that, evidently, it changes the status of speech and the symptom, which justifies the importance of publishing this conference for our analytical community.

Keywords

Real unconscious, truth, analysis conclusion.